



A LITERATURA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: UMA LEITURA DA REPRESENTAÇÃO DE INFÂNCIA EM “O MENINO MALUQUINHO”, DE ZIRALDO.

Fabiane Almeida SILVA¹

1. INTRODUÇÃO

Este resumo tem como **objetivo** refletir sobre as relações entre a História e a Literatura a partir dos pressupostos da História Cultural. Nessa perspectiva, discute-se a Literatura como fonte singular para o campo da História. A partir da publicação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada em 1929 por Lucien Febvre e March Bloch, novas fontes, temas e objetos foram elencados e problematizados.

Nesse contexto, a fonte literária ganha evidência como uma possibilidade de refletir os sentimentos, os símbolos e as representações que os homens construíram sobre o passado. A pesquisa possibilitou, primeiramente, questionar: quais representações de infância estão presentes na obra “O menino Maluquinho”, de Ziraldo (1980). Sob o viés da Nova História Cultural, inferimos que a literatura pode contribuir sobremaneira para a narrativa historiográfica, ao considerar a categoria de representação contida no livro supracitado.

Para tal escopo, utiliza-se como fonte a análise de trechos da obra “O menino Maluquinho”, de Ziraldo, publicada no ano de 1980, do qual surgem os seguintes **objetivos específicos**: compreender a Literatura como fonte para a História da Educação; investigar a concepção sócio-histórica de infância retratada na obra.

Dessa forma, Ziraldo reitera o protagonismo do menino, que possui condições materiais, sociais e afetivas para constituir-se como sujeito e tornar-se um adulto feliz. O resumo está relacionado com o eixo temático **História da Educação: Saberes, Fontes e Metodologias**. Assim, a Literatura e a História se entrecruzam como discursos que permitem reconstruir as sensibilidades e os propósitos que conduziram as representações sobre o mundo e os sujeitos de diferentes épocas.

¹ Mestre em educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutoranda da linha de História e Historiografia da Educação. Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia.
E-mail: fabianefct@yahoo.com.br.





2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como afirma Ferreira (2013), a obra de ficção está “enraizada” na sociedade de seu tempo. Por isso, podemos reconhecer que “O Menino Maluquinho” é um clássico, cuja importância nos leva a elucidar as questões ora elencadas. Ziraldo parte de uma realidade concreta e histórica para compor a narrativa e, diante do trabalho desenvolvido, o **método** empregado coaduna a leitura crítica do livro citado para tomar tal narrativa uma fonte histórica, com o escopo de verificar os objetivos propostos.

3. DESENVOLVIMENTO/RESULTADOS

Verifica-se a possibilidade de o presente trabalho contribuir com o campo da História da Educação, sob a perspectiva de compreender as representações enunciadas por Ziraldo² (1994). Sobretudo, tencionamos pensar a literatura como fonte importante à história, devido ao movimento de elencar questionamentos em uma tentativa de entender o passado. Tais prerrogativas convergem para a delimitação temporal da pesquisa: ano do lançamento da obra. Destaca-se que as sanções impostas pela ditadura civil-militar tornaram o trabalho do artista inviável no Pasquim e o fizeram se deslocar novamente para o campo da literatura infantojuvenil. Após os lançamentos de Flicts em 1969 e Planeta Lilás em 1979, Ziraldo publicou a obra “O Menino Maluquinho”, maior sucesso editorial lançado em 24 de outubro de 1980, no aniversário de 48 anos do autor. Assim, a compreensão das representações decorre da vivência de um artista múltiplo e do que foi apreendido da sociedade no período.

A obra foi lançada em 1980, com dois milhões de exemplares vendidos até 2001 (Silva, 2008). Os primeiros cinco mil foram esgotados no dia do lançamento. Em 1981, recebeu o prêmio Jabuti, direcionado à literatura infantil brasileira; e “[...] foi traduzido para espanhol, catalão, português de Portugal, esperanto, coreano, inglês e japonês, sendo vendido em 11 países” (Silva, 2008, p. 57).

² Ziraldo Alves Pinto nasceu em 24 de outubro de 1932, no estado de Minas Gerais. Escreveu e ilustrou mais de 120 obras. Era jornalista, contista, cartunista, publicitário, colunista, desenhista, escritor, humorista, chargista e pintor. Iniciou a carreira nos anos de 1950 e trabalhou em revistas e jornais. Foi um dos fundadores da revista *O Pasquim*, periódico distribuído semanalmente, que por meio da sátira criticava a censura imposta pela ditadura militar no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Formou-se em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais. Após o encerramento do *Pasquim*, Ziraldo lançou, no ano de 1980, “O Menino Maluquinho”. O artista teve a ideia em escrever novamente para o público infantil, depois de participar de um encontro de Pais e Mestres em um bairro na cidade do Rio de Janeiro. O artista faleceu no dia 06 de abril de 2024, em sua residência, no Rio de Janeiro.





Importa-nos, desse modo, situar a relevância do “Maluquinho” no contexto educativo, em se tratando da História da Educação. Nessa perspectiva, Ziraldo (1994) estava engajado com os questionamentos do próprio tempo, e a obra em análise é uma das evidências das transformações em curso, de um período marcado pelos ecos da censura e repressão política, cultural e social derivadas da ditadura civil-militar no Brasil. No livro, escrito em um período de transições e lutas por diferentes categorias sociais pela redemocratização do país, o autor introduziu diálogos sobre a infância e situações inusitadas por meio de um vocabulário que despertava a atenção dos leitores, ao incluir a narrativa imagética, a poesia e o humor; logo, rompe-se com o estereótipo da literatura infantojuvenil didatizante e exemplar, do ideal de criança obediente, quieta e que necessita da monitoria constante do adulto para ditar modos de condutas, conforme traço constitutivo histórico.

Aqui pressupomos um olhar diligente para a infância e, diante desse direcionamento, Ziraldo (1994) aborda o universo infantil com ludicidade, ao revelar um personagem-criança ativo, espontâneo, líder, amoroso e sensível. Nas entrelinhas, sugere a importância das instâncias sociais na constituição dos sujeitos, em que as crianças são amparadas e amadas pela família, possuem acesso à educação formal e aos bens culturais como livros, gibis, brinquedos e brincadeiras, bem como são libertas para se expressarem, com a respectiva transformação em adultos felizes. Respeitar a liberdade de ir e vir, se expressar e ser autêntico é um direito inalienável do cidadão desde a Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB) (Brasil, 1988), mas Ziraldo anunciara tal aspecto oito anos antes, em 1980:

[...] não deve considerar a criança nunca um “vir a ser”, a criança tem que ser considerada uma coisa finita nela mesma, a criança está ali, e tem que ser compreendida como Criança. Preparar a criança\ filho para o futuro é angustia-la. Preparar para o presente, e não tem que ser angustiado agora para ser feliz no futuro, tem que ser feliz hoje e tem que ser feliz agora. O futuro será feito de muitos “hojes”, se a criança é feliz hoje, ela será feliz sempre e vira um adulto legal (Ziraldo, 2007, trecho extraído do documentário “Ziraldo – O eterno menino Maluquinho”).

Para Ziraldo, a criança não é um “vir a ser” ou um adulto em “miniatura” (Ariès, 1981), pois necessita ser vista hoje, sem se angustiar com o futuro. Isso inclui o direito a brincar, se arriscar, ter um lar acolhedor e, principalmente, ser “feliz agora”, mas, para isso, precisa de um ambiente que respeite suas singularidades. O autor nos induz a refletir sobre as grandes chances de alguém que viveu uma infância feliz se tornar um adulto legal e, principalmente, realizado.





Dessa forma, a criança é um sujeito social ativo que produz cultura, história e participa da construção de uma sociedade solidária. Conforme Trevisan (2007, p. 44), “[...] a nova definição da criança e da infância implica deixar de ver a criança por aquilo que ainda não é, por aquilo que ainda não faz, mas, sim, por aquilo que já é e por aquilo que já faz”. Complementarmente, Kuhlmann Jr. (2000; 2015) a concebe na sua concretude e historicidade – em suma, ela não é um vir a ser, nas palavras de Trevisan (2007) e Ziraldo (2007), e sim “já é” e deve ser reconhecida como tal.

Notoriamente, a representação de infância enunciada por Ziraldo (1994) permite inferir sobre a necessidade de um olhar específico. Dessa forma, o Menino Maluquinho é uma criança de aproximadamente oito anos, pertencente à classe média e que possui todos elementos para fazer da infância um momento especial para brincar e ser feliz. A obra em si não preconiza uma moral a ser seguida pela criança, dado que as peraltices e ações realizadas pelo menino – as quais levam o autor a chamá-lo de “maluquinho” ou até mesmo de “subversivo” – são, segundo Coelho (2000), resistências às normas coercitivas e condutas impostas pelos adultos, vigentes no sistema tradicional. Conforme Silva (2008), as atitudes do protagonista não são repreendidas pelo narrador, mesmo aquelas consideradas de “mau comportamento”, não há ensinamentos, conforme a visão de mundo adultocêntrica. Assim, não visa seguir normas preestabelecidas, mas a valorização da criança como sujeito com direito ao exercício da liberdade e à formação de modo autônomo.

Em *O Menino Maluquinho*, objeto central deste estudo, Ziraldo retrata o garoto como uma criança curiosa, arteira, que “[...] tinha fogo no rabo³” (Ziraldo, 1994, p.9) e “[...] tinha vento nos pés” (Ziraldo, 1994, p. 10). Assim, tinha liberdade para vivenciar as peraltices da infância, ser poeta, contador de anedotas, brincar, estudar e ser feliz. Utilizando-se de elementos do folclore brasileiro (para uns ele era um Saci ou um Uirapuru), de versos, histórias em quadrinhos e cartoon, o autor em tela se aproxima, de forma lúdica, do cotidiano infantil.

Dessa maneira, a criança é retratada em uma perspectiva central e protagonista da própria história. Na ludicidade, Ziraldo revela um menino com as suas traquinagens, que quebrava vasos, que podia abraçar o mundo com as próprias pernas, que cantava, sorria, inventava histórias e era “[...] um menino impossível” (Ziraldo, 1994, p.13). A obra de

³ Fogo no rabo: alguém que está muito animado, inquieto, agitado, com pressa, impaciente, etc. QUAL É A GÍRIA. Significado de: fogo no rabo. Disponível em: <https://qualegiria.com.br/giria/fogo-no-rabo/>. Acesso em: 7 abr. 2024.





Ziraldo congrega o imaginário infantil de forma poética, com uso de diversos recursos gráficos e de diferentes gêneros textuais, propiciando a formação do leitor.

A partir de pesquisas como de Ariès (1981), as crianças e suas infâncias como assevera Campos (2012) foram notadas e concebidas como sujeitos sociais, sentimento que se fortaleceria com a consolidação das famílias na Idade Moderna.

Dessa forma, consiste em compreender a infância assim como preconizam Kramer (2000) e Kuhlmann Jr. (2015): como sujeitos sociais imersos em uma cultura e que são protagonistas e construtores da história. Outrossim, desconsiderar que a criança pertence e atua em um contexto cultural, histórico e político é reduzir seus significados no mundo social “[...] esquecendo-se de que a criança é uma pessoa enraizada em um tempo e um espaço, uma pessoa que interage com outras categorias, que influencia o meio onde vive e também é influenciado por ele” (Pinheiro, 2008, p. 30). Versa, desse modo, entender o tempo da infância, e que a criança não somente é influenciada pelo meio, mas interage e também transforma o contexto em que vive.

Nesse norte, Kramer (2000) discorre sobre a importância de se reconhecer o significado social e histórico da infância, de considerar a criança como sujeito social que ocupa um espaço fundamental na sociedade, e que não é apenas “geográfico”. Assim afirma a autora:

As crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados por contradições das sociedades em que vivem. A criança não é filhote do homem, ser em maturação biológica; ela não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nelas produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância. Pode nos ajudar a aprender com elas (Kramer, 2000, p.05).

Nesse sentido, Kramer (2000) considera a infância como um tempo marcado histórico e socialmente, identificando a criança como um cidadão de direitos na sociedade, que possui um modo peculiar de ver o mundo. São sujeitos transformadores, ativos e que atuam de forma significativa na perspectiva como nós, adultos, concebemos o mundo.

Portanto, Ziraldo (1994) representa a criança como um sujeito inquieto, curioso, inteligente e cheio de vida, características sobressalentes no Menino Maluquinho. A partir dessa caracterização, o autor reafirma a humanidade do personagem e o retrata como um





garoto com o “mundo nas mãos”, sempre pronto para explorar e aprender, com uma visão sonhadora e vibrante do mundo ao seu redor. Esse retrato reflete o espírito livre e criativo das crianças, independentemente dos desafios enfrentados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual a importância, afinal, de utilizar a fonte literária? A partir da História Cultural, o tema ganhou relevância. Ferreira (2013), considera a literatura a “fonte fecunda”, no sentido de ser produtiva e abundante. Nessa concepção, a fonte literária transpõe os documentos ditos oficiais, ao permitir que o historiador acesse as sensibilidades, os valores, as formas de pensar e agir dos homens no passado.

Esses elementos presidem as representações sobre o mundo, o que torna a Literatura uma fonte peculiar, significativa e interligada ao social por meio do ato criativo do autor. É nesse sentido que o historiador, na busca e por meio dos “vestígios” do passado, deve acessar os processos de interpretações variados que o texto literário permite, que coloca em análise as múltiplas dimensões do real e o fictício.

Assim, as reflexões ora expostas resultam dos resultados parciais de uma pesquisa em andamento, cujo **tema** abarca as representações de infância, escola e masculinidade depreendidas do livro “O Menino Maluquinho”, de Ziraldo, e os possíveis desdobramentos dessas representações para o campo educacional.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CAMPOS, Raquel Discini de. Philippe Ariès: A Paixão pela História. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 11, n.1-jan./jun. 2012.

COELHO, Nely Novaes. **Literatura infantil – Teoria, análise e didática**. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura- A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto. 2013.p. 61-92.





KRAMER, Sônia. Infância, cultura contemporânea e educação contra barbárie. **Revista Teias**, PROPED/UERJ, v.1, n.2, 2000. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23857>. Acesso em: 20 out. 2019.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Educando a infância brasileira. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cyntia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.469-496.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Infância, história e educação. In: **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 7.ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 5-38.

PINHEIRO, Maria Margarida. **Concepções de Infância e de Educação Infantil que permeiam a prática Docente**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SILVA, Rosana Maria da. **O personagem Menino Maluquinho: do livro às recriações na Mídia**. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação). – Universidade de Marília, Marília-SP.

TREVISAN, Gabriela de Pina. Amor e afectos entre crianças- A construção social de sentimentos na interação de pares. In: DORNELLES, Leni Vieira. (Org.). **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 41-70.

ZIRALDO. **O menino maluquinho**. São Paulo: Melhoramentos. 1994.

ZIRALDO: o eterno Menino Maluquinho. Direção: Fernando Barbosa Lima. Produção: FBL Criação e Produção. [S. l.]. 2007. 1 documentário (75 min), son., color.

